

A ampliação da percepção na interface Dança e Autismo: um ensaio da convivência

An amplified perception of Dance and Autism: a coexistence essay

Roberta Maria Zambon Maziero^{1*}

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Artes, Natal, RN, Brasil

COMO CITAR: MAZIERO, R. M. Z. A ampliação da percepção na interface Dança e Autismo: um ensaio da convivência. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 21, e20092, 2026. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v21i00.2009201>

Resumo

Este ensaio teórico traça argumentos na interface Dança e TEA, tendo como premissa a humanização, a partir da leitura de revisões bibliográficas desenvolvidas em quatro artigos organizados entre 2019 e 2024, e a narrativa de relato de experiência no livro *TEarte*. Atenta-se para um olhar destinado aos sujeitos que coexistem com pessoas autistas, o que deflagra o questionamento do que percebemos acerca de nós mesmas(os) e da vida quando convivemos com pessoas autistas mediadas(os) pela Dança. Aponta um movimento de circularidade que nos coloca no desenvolvimento de características humanas, tais como disponibilidade, silêncio, escuta e compassividade. Sugere que é na convivência dialógica que a Dança demonstra seu potencial ampliado, enquanto mobiliza nossa percepção da realidade. Assim, o papel da arte-Dança na sociedade contribui para o reconhecimento da expressão singular de cada ser humano, do desenvolvimento de uma educação anticapacitista por meio de uma visão crítica.

Palavras-chave: dança; autismo; convivência.

Abstract

This theoretical essay explores arguments at the interface of Dance and Autism Spectrum Disorder (ASD), based on the premise of humanization. It draws on bibliographic reviews developed in four articles published between 2019 and 2024, and the narrative of experience in the book *TEarte*. It focuses on the perspective of individuals who coexist with autistic people, prompting questions about our perceptions of ourselves and life when interacting with autistic individuals through Dance. It points to a circular movement that fosters the development of human characteristics such as availability, silence, listening, and compassion. It suggests that it is in dialogical coexistence that Dance demonstrates its expanded potential, while mobilizing our perception of reality. Thus, the role of Dance-as-art in society contributes to the recognition of the unique expression of each human being and to the development of an anti-ableist education through a critical perspective.

Keywords: dance; autism; coexistence.

INTRODUÇÃO

Este ensaio teórico tem como premissa traçar considerações acerca da Dança¹, enquanto linguagem artística e suas interfaces nos contextos de vida de pessoas autistas. Parte de alguns trabalhos que desenvolveram revisão bibliográfica, na interseção entre a Educação Especial e as Licenciaturas no campo da arte, desenvolvidos entre 2019 e 2024, bem como traça uma narrativa do livro *TEArte: poéticas do encontro em dança e autismo* de Viana (2021), que indica experiência com novos olhares por meio da convivência.

¹ A palavra Dança, neste ensaio, é escrita com letra inicial maiúscula, com o intuito de legitimá-la como área do conhecimento.

***Autor correspondente:** roberta.maziero@gmail.com

Submetido: Março 10, 2025

Revisado: Janeiro 08, 2026

Aprovado: Janeiro 08, 2026

Fonte de financiamento: nada a declarar.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação do comitê de ética: Não se aplica.

Disponibilidade de dados: Os dados das pesquisas encontram-se no corpo do ensaio. Podem ser consultados nas referências e estão disponíveis no Google Acadêmico. Para o acesso aos dados do livro é necessário adquiri-lo. Trabalho realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Nesta perspectiva, os argumentos a serem apontados envolvem a Dança como um caminho de desenvolvimento humano, na percepção do processo de educação permanente² que ocorre entre pessoas com e sem o Transtorno do Espectro Autista (TEA) em meio à (co)existência.

A Dança, enquanto prática social em contexto geográfico e sociocultural situado, envolve a possibilidade de resgate de seus aspectos fundantes: a cultura, a linguagem, os ritos e a arte, em espaços de educação problematizadora da prática da liberdade (Freire, 2018).

Por conseguinte, quando esta manifestação cultural e artística é tratada apenas por suas dimensões envolvidas na estimulação sensorial e motora, ou ainda em seu aspecto de socialização, encontra-se limitada em seu potencial. Ou seja, acaba por ser utilizada apenas como um instrumento que visa sanar condições existenciais intrínsecas aos sujeitos.

Justamente, este ensaio toma a direção de ir além, esclarecendo o potencial da Dança, enquanto arte que, nas palavras de Costas et al. (2018), implica o contato com saberes que orientam a percepção e reflexão dos(as) envolvidos(as) em sua prática. Isto faz com que sejamos capazes de nos afetar pelas relações que nos cercam, assumindo posições acerca dos fatos e agindo conscientemente e abertamente na sociedade.

Consideramos ser este um pilar da arte: nos fazer considerar os espaços de sua manifestação como possibilidade de observar a existência para além de pré-concepções ainda impregnadas no desenvolvimento de linguagens que, por vezes, “[...] entendem desenho, pintura, dança, música, como pretexto para aprendizagem” da “leitura e escrita” (Barbieri, 2012, p. 97).

Sendo assim, utilizar-se da Dança no contexto de pessoas autistas pode deflagrar condições intrinsecamente humanas relacionadas ao conviver e ao aprender.

Para tanto, é preciso estar atento(a) a um conjunto de atitudes e predisposições para o envolvimento mútuo de dois ou mais sujeitos em suas trocas de experiências. Para o filósofo africano José Castiano (2010), isto está implicado com a cultura, enquanto uma segunda natureza e suas relações entre os grupos sociais pela interculturalidade³.

Sublinhamos que estas relações perpassam pela flexibilidade e por processos educativos que fomentem o desenvolvimento da percepção das pessoas para além de suas próprias condições de existência.

Nesta perspectiva, apontamos que a interface Dança e TEA pode se conectar a três pressupostos: o primeiro “[...] condena tanto a normatização como a inferiorização e o esquecimento” de pessoas autistas, afirmando a expressão de seus “corpos, experiência e inteligência” (Píccolo, 2023, p. 2).

O segundo se alinha ao movimento da neurodiversidade que vem se consolidando no século XXI (Singer, 1999), ao pensar o autismo por meio de uma conexão neurológica atípica e não uma doença a ser tratada e, possivelmente, curada.

Por fim, a universalidade da Dança como espaço de sinergia entre diferentes corporeidades, como ciência integral, pode levar a um olhar para cada pessoa autista em sua maneira única de existir, enquanto ser humano. O que propaga o princípio filosófico de que a Dança revela ser uma profunda unidade na mais vasta diversidade (Rodhen, 2007).

Ao tomar esta direção, a Dança, enquanto linguagem, ao mesmo tempo objetiva e científica, metafórica, simbólica e artística, desvela sua característica de integrar dicotomias: corporemente, eficiente-deficiente.

A imagem do corpo de um indivíduo autista também carrega os seus estereótipos, é comum ouvirmos que o autista possui limitações na coordenação motora fina e grossa (como se este fosse um destino o qual não se pode desviar), também não é incomum encontrarmos indivíduos neurodiversos que não se identificam com o corpo que possuem, seja por questões relacionadas a gênero ou de habilidades corporais (Silva, 2018, p. 4).

² A educação permanente na perspectiva de Freire (2015a) se baseia na práxis (ação-reflexão-ação) em que os sujeitos, desenvolvem ao longo da vida um posicionamento crítico perante a realidade, levando a construção de novos conhecimentos e a ampliando seus horizontes perceptivos.

³ “Por interculturalidade, não entendemos um determinado estado fixo de relações, mas sim um processo de formação de atitudes e predisposições nos sujeitos por forma a torná-los aptos para o debate entre as culturas” (Castiano, 2010, p. 221).

Ou seja, o corpo tem servido de anteparo para múltiplas projeções da cultura, já que é um signo comum da existência humana. É nosso espaço de situação objetivo e corporal, é a maneira como ocupamos ou modificamos o próprio espaço (sociedade), dando sentido e transformando nossa percepção (Merleau-Ponty, 2011).

Neste sentido, a linguagem da Dança é uma gramática corporal que, segundo Sander (2009), há algum tempo transbordou os espaços de confinamento, se esparramando pelo cotidiano da vida humana e, especialmente, possibilitando o reconhecimento dos indivíduos por meio da dimensão criativa.

A arte – quando exerce a sua potência de criação – nos põe frente a esse caos-composto, ou compositor: caos-germe. É a descoberta de novos possíveis. Ou ainda, limiares. Pois as artes nos dão pistas das zonas limítrofes, das bordas. No caso das artes do corpo, elas podem indicar pontos de encontro e de desencontro entre pensamento e corpo, e dessa forma nos auxiliarem a problematizar a dimensão intensiva de nossos corpos-subjetividades (Sander, 2009, p. 340).

Nesta direção, o desejo e a disponibilidade de interação, de encontro mediado pela Dança, permitem uma abordagem metodológica relacionada ao compartilhamento de experiências, dentro da universalidade do TEA e da Dança. É este olhar ampliado que guia nossos argumentos neste ensaio.

DISCUSSÃO

As reflexões e argumentos nesta discussão iniciam por articular quatro trabalhos que desenvolveram revisão bibliográfica e foram encontrados no *Google* Acadêmico no período de busca entre 2019 e 2024, na interface Dança e TEA, contemplando a arte e a educação

Preponderantemente, observaram-se apontamentos de uma carência de aprofundamento nas pesquisas conforme as revisões bibliográficas apresentadas nestes trabalhos, na questão da arte-Dança. Eles próprios também se encontram em um nível de conclusão de curso (TCC), iniciação científica e apenas um é de Programa de Pós-graduação em nível de doutorado na Educação Especial.

Um denominador comum é o apontamento da importância da linguagem artística pautada na Dança para pessoas autistas. Para (Silva; Orlando, 2019), que desenvolveram um artigo de revisão bibliográfica na interface Dança e TEA, há necessidade premente de novas descobertas. As autoras destacam que a bibliografia já aponta uma perspectiva interdisciplinar, colaborativa, como superação do viés médico-biológico-terapêutico, presente nos estudos internacionais, e a educação inclusiva no âmbito brasileiro.

Nesta direção, o Documento Subsidiário à Política de Inclusão (Brasil, 2015), a nível nacional, chancela a interconexão entre os espaços de educação escolar e não-escolar, os ambientes comunitários e a família, conjuntamente com a preparação dos(as) profissionais envolvidos como aspecto fundante do desenvolvimento da cidadania na sociedade. “Uma nova concepção de educação e sociedade se faz por vontade pública e é essencial que o sistema educacional assuma essa vontade” (Brasil, 2015, p. 23).

Destarte, a segunda pesquisa também bibliográfica em TCC de Reis (2024), pautada no TEA e na inclusão escolar, desvela os percalços do ensino das artes na escola, por conseguinte, da Dança. Reforça os aspectos da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) (Brasil, 2018) e a formação de professoras(es). Neste sentido, a capacidade do profissional em criar métodos de ensino de acordo com a forma de agir, pensar e perceber o mundo intrínseco as subjetividades dos sujeitos, é apontada a partir da Dança, enquanto, linguagem capaz de relacionar o ensino à expressão da corporeidade dos sujeitos autistas ou não em um dado ambiente, ressaltando a visão de si e do mundo (Reis, 2024).

Assim, percebemos que o diálogo entre a educação, Dança e autismo pode permitir um processo mediador da identidade de pessoas neuroatípicas⁴, inclusive em questões envolvidas

⁴ Neuroatípica ou neurodivergente é a pessoa que tem desenvolvimento neurológico diferente dos padrões de normatividade.

no âmbito escolar com o atendimento educacional especializado (AEE) embasado no consultório médico em tendência de pesquisas relacionadas à área da saúde.

Nesta perspectiva, acaba por nos fazer compreender que as ações da arte e da Dança alinhadas a protocolos permeados por instrumentos que reforçam atributos motores e de adequação psicossocial reforçam o modelo médico⁵ e a primeira onda do modelo social⁶ da deficiência. Não podemos esquecer que as causas do TEA são polêmicas, já que existem variáveis de sujeito para sujeito que incidem no diagnóstico de acordo com a idade, com a própria evolução das pessoas e com a presença de comorbidades, junto às questões de vida na sociedade contemporânea.

Outro aspecto é o status da arte no campo educacional e social no Brasil que ainda não possui a devida valorização. No caso da Dança, compreendida como manifestação cultural e artística, institui-se e constitui-se a partir da vida dos sujeitos e das comunidades humanas em um movimento interacional e dinâmico de diferentes matizes.

Sendo assim, são relevantes os aspectos que envolvem a arte, a educação, a fruição e o lazer em sua dimensão política de convivência. É nestes espaços que se profana o que é determinado, estimulando uma nova visão em um diálogo que se desdobra em temáticas, discussões, reflexões e expressões de todas as pessoas envolvidas (Maziero, 2023).

Os saberes da Dança emergem na riqueza de imagens, símbolos, formas, sensações, intencionalidades que se entrecruzam, banhadas por diferenças e, ao mesmo tempo, com núcleos similares.

Destacamos o uso de movimentos do cotidiano, espaços alternativos, o jogo dialógico como algo comum, parte de expressões artísticas que se encontram em práticas sociais, não como apresentações elaboradas para a fruição de espectadoras(es), mas sim como possibilidade de experimentar-se em convivência.

Nesta direção é que o desfazimento de fronteiras fortalece a arte-Dança como linguagem de expressão acessível a todas(os), abrindo caminhos de aprendizagens plurais nos quais os saberes sensíveis são desenvolvidos.

A sensibilidade não é algo nato; depende de fatores subjetivos, culturais, sociais e históricos; é a maneira como experimentamos a existência; por conseguinte, se relaciona com a percepção – conexão entre corpo e conhecimento.

Este elemento integrador deflagra que os comportamentos dos indivíduos se aderem, tanto à singularidade (subjetividade) como à coletividade de sentidos que atribuímos ao interagirmos com o ambiente e a cultura.

Dá-se pela vivência estética, que é a forma como interpretamos tudo o que nos rodeia. Desta maneira, a arte-Dança vitaliza a educação e as relações entre as pessoas, proporcionando um “[...] olhar curioso, a imaginação fértil, que desembocam em pensamento criativo” (Barbieri, 2012, p. 20).

Segundo Andrade e Murad (2020, p. 5), em seu artigo, também com viés de revisão bibliográfica na interface Dança e TEA, a concepção de arte que está latente nos currículos escolares é a arte de experimentar, de sentir, de se impressionar e de se transformar. As autoras relatam que “[...] o que autistas têm feito por meio da arte, mais especificamente por meio da Dança, pode ser uma pergunta promissora a ser levada a cabo”.

Sendo que a Dança, enquanto um meio pedagógico, perpassa pela convivência entre pessoas. O que já foi revelado por Marques (2003) em seus estudos da Dança e educação, expressa pela corporeidade humana, permeada por sentidos, incorrendo em reflexão no contexto de vida das pessoas.

Logo, se há compromisso social de professoras(es), artistas, dançarinas(os) e brincantes⁷ que problematizem as raízes culturais da exclusão de pessoas e de práticas, ele deve estar alinhado à diversidade de expressão.

⁵ No modelo médico, a deficiência é observada como patologia.

⁶ Na primeira onda do movimento social da deficiência, as ações se direcionam a incluir as pessoas com deficiência, procurando superar aspectos de suas condições de vida.

⁷ Termo utilizado nas danças populares que emergem de festas de rua na qual a Dança é parte dos folguedos e da celebração da vida.

É evidente que trabalhar de forma interdisciplinar, aliando a Dança ao aprendizado e desenvolvimento da pessoa autista, envolve uma série de fatores, assim como apresentado no TCC de Simas (2022). A autora destaca novamente a importância da formação de professoras(es), profissionais da saúde, psicólogas(os), terapeutas e artistas na convivência com pessoas autistas por meio da interdisciplinaridade aliada ao campo lúdico, à capacidade imaginativa, à comunicação.

Estes apontamentos nos levam a uma proposta artística, desenvolvida por Martins e Romarco (2022) em um artigo envolvido com um estudo de caso com uma criança autista. As autoras apresentam a metáfora da bolha como um invólucro flexível, movente de acordo com as condições dentro de si e ao seu redor, envolvidas com a afetividade das pessoas.

Como Freire (2015b), estas autoras apontam a dialogicidade como possibilidade de aprendizagem quando há disposição para se criar vínculos. Aspectos como observar, perceber, fazer, sentir e pensar atrelados à apreensão intuitiva e à imaginação são mecanismos de abertura para as relações entre pessoas dançantes neuro(at)ípicas.

Ou seja, é a convivência que cria intimidade e abertura para adentrar o mundo dos sujeitos, o que desenvolve nexos na construção de confiança. Facilita a percepção de estados de ânimo; das possibilidades de amizade; dos desgastes sensoriais; das crises e da realização de atividades em grupos.

Nesta perspectiva, é o corpo que se encontra como ponto de tangência entre a linguagem e a experiência. Isto é, segundo Merleau-Ponty (2011), as imagens, sons e gestos não-verbais empregados em um diálogo, por exemplo, não são apenas elementos discursivos, já que estabelecem uma disposição, desvelando inclinações e peculiaridades, limitações e comprometimento junto ao nosso contexto de vida.

Sendo assim, o gesto-movimento-Dança adquiriu um caráter existencial como apontam (Martins; Romarco, 2022, p. 92). Relatam as autoras: “[...] a mediação com base na afetividade, o contexto da arte/educação e das práticas pedagógicas inclusivas em Dança, trazidos através do fazer artístico coletivo [...], foram de suma importância para o desenvolvimento de sua inteligência interpessoal e comunicação”.

Nesta mesma direção é que o livro *TEArte: poéticas do encontro em dança e autismo* de Ana Maria Fernandes Viana (2021), professora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), se torna imprescindível para compreender a Dança para além de estímulos sensoriais, motores e de socialização.

Esta publicação traz apontamentos na contramão, tanto no que diz respeito às dificuldades, deficiências, potencialidades e humanidade de autistas, profissionais e pais envolvidos em suas oficinas.

Sua experiência com equipe multidisciplinar com público de jovens e crianças autistas, entre 6 e 20 anos, no Instituto Médico Educativo *Le Triskell Bruz* e no *Le Centre Hospitalier Guillaume Régnier*, nas cidades de Bruz e Rennes, França, respectivamente, abre novas perspectivas na relação Dança e TEA por meio de seu relato de experiência.

Apesar de seu trabalho, exclusivamente, ocorrer em instituições que acolhem pessoas com distúrbios mentais e que não dispunham de linguagem verbal, sua narrativa não nos leva ao paradigma médico-biológico-capacitista⁸.

A Dança é retratada em meio a um projeto conjunto de ações que envolveram a atuação de educadoras(es) especializada(s), tais como psicomotrista, psicólogas(os), enfermeiras, educadora especializada, no qual a Dança é parte de um conjunto de ações.

Sendo assim, os estudos dos relatos de Viana (2021) desvelam o potencial da Dança para além do que já foi abordado como benefícios para pessoas autistas; surge como o inédito viável⁹ (Freire, 2015b). Um olhar que vai além no engajamento de construir epistemologias interligadas entre Dança e TEA.

⁸ O capacitismo é uma forma de discriminação pautada em uma ideia arbitrária sobre norma e desvio que cria estigmas nas pessoas com deficiência (PCD). Assim, os sujeitos sem deficiência são considerados padrão e ideal a ser perseguido e os PCDs são desviantes.

⁹ Inédito viável é um conceito desenvolvido por Paulo Freire (2015b) em sua obra ontológica *Pedagogia do Oprimido* (1ª edição em 1970 editada em inglês e espanhol) que se refere a superação de situações limites para transformar a realidade.

Este elemento suscitou a escrita deste ensaio e manifestou a questão: o que percebemos acerca de nós mesmas(os) e da vida quando convivemos com pessoas autistas mediadas(os) pela Dança?

Viana (2021), neste sentido, aponta algumas pistas, tais como a necessidade de ruptura social, educativa e cultural que confronte nossa própria existência. Logo, a autora amplia seu olhar; além de observar as pessoas autistas, ela traz seu próprio relato singular da convivência, bem como seus aprendizados.

A autora retrata a corporeidade de sujeitos e a sua própria em meio a um espaço de afetações, de escuta sensível, dilatada, receptiva, aberta, inacabada e disponível. É o território da presença que se constrói pela convivência, tendo a Dança como meio.

Quanto a mim, posso dizer que cada pessoa que encontrei em meu percurso ensinou-me a ver o que os meus olhos não viam, mostrou-me uma nova beleza por meio das fissuras, ensinou-me a trilhar outros espaços, a criar outros territórios, a traçar novos caminhos. Pelo que eu pude perceber, ao invés de uma suposta insensibilidade ao que lhe é exterior, a pessoa com autismo revela uma sensibilidade extrema a essa dinâmica de circularidade entre si e o que a cerca, uma intensidade de percepção dos afetos. (Viana, 2021, p. 49).

Por conseguinte, a composição de suas oficinas fomentou uma mudança radical entre pessoas autistas e profissionais da saúde, especificamente, pelo contato intrínseco na Dança que permite a ruptura de hierarquias do saber, tal qual as pedagogias decoloniais¹⁰.

Um segundo ponto foi o desenvolvimento da disponibilidade como elemento da escuta e da capacidade criativa, tanto da equipe de trabalho como das(os) participantes.

Por fim, a manutenção de um ambiente seguro e calmo serviu de referência e percepção de mal-estares e intervenções mais eficientes (Viana, 2021).

Algumas estratégias surgiram ao longo do percurso com outros olhares da interface Dança e TEA. A primeira delas consistiu em pré-encontro, na preparação, no silêncio que permite tranquilidade ao agir, ausência de expectativas, julgamentos e desejos.

Isto é, aquele arcabouço de necessidades do profissional em querer fazer outrem se desenvolver a partir de uma lógica instituída. Para Viana (2021) é preciso desfazer-se de nossa própria bolha para estar presente no encontro e, conjuntamente, criar espaços relacionais com pessoas TEA por meio da Dança. Neste sentido, estar receptivo desabrocha a intuição, o respeito e, sem esforço, acolhe a toda a gente, desenvolve a humanização¹¹.

Outro aspecto é a improvisação utilizada por Viana (2021) como uma metodologia da poética de corporeidades singulares que “[...] ao mesmo tempo que explora os limites da composição entre sensação e gesto, entre passividade e atividade, situando-se sempre à beira de não fazer nada, [...] se encontra no limite” (Bardet, 2014, p. 160). Esta fronteira deve ser cuidadosamente percebida e agenciada quando a Dança é a linguagem de interação.

Assim, em espaços de conexão entre pessoas diversas, é possível observar as diferenças de cada ser e abrir-se para uma comunicação horizontal que parte do encontro, da ação e da não-ação, do sair de si mesma(o) para ser capaz de escutar, sentir, se deixar ser afetada(o) por outrem.

Em sua narrativa, Viana (2021) nos (re)lembra de acalmar nossas vontades e deixar-se ser convidada(o) a outro espaço que nasce na convivência entre sujeitos. Isto exige de fato desfazer-se dos conhecimentos acerca de características peculiares relatadas em estudos de pessoas autistas, para adentrar novas formas poéticas, por conseguinte, estéticas por meio da potência expressiva do corpo.

¹⁰Walsh (2017) introduz o termo decolonial, sem a letra “s”, em conformidade com a sua proposta de revestir o termo de uma conotação para além de desfazer o colonial. A autora editou uma coletânea para articular a pedagogia e o decolonial, reunindo autores que abordem esses temas e escreveu um capítulo para contribuir com a compreensão da implicação de pensar o decolonial pedagogicamente e o pedagógico decolonialmente. Isto é, para além da assimilação cultural dos povos que passaram por processo de colonização.

¹¹Este é um conceito desenvolvido no livro Educação como prática da liberdade de Freire (2018) que compreende a passagem da consciência ingênua dos sujeitos, quando não percebem o que os limita, para um estado de criticidade que implica comunicação dialógica, potencializando e vivificando a interdependência existencial, social e criativa, advinda da capacidade humana de amar alguém independente de sua perspectiva de mundo.

Nesta perspectiva, a Dança demonstra todo o seu potencial envolvido na celebração e expressão da própria existência, que vem sendo transmitida por meio de uma simbologia desde a pré-história. Em sua acepção, enquanto linguagem artística, implica especificidades no contexto de uma nova Dança que se manifesta por movimentos interculturais, desde o final do século XX (Maziero, 2023).

Essa mobilidade de se olhar a partir do seu próprio contexto, nos revela entrecruzamentos de movimentos da Dança denominados: expressionista; moderna; pós-moderna; contemporânea; contato-improvisação; nova Dança; Dança livre; capoeira; *hip-hop*; danças brasileiras; danças indígenas, dentre outras, que desfazem fronteiras, pois, suas temáticas se alinham desde a lutas de movimentos sociais, políticos e culturais que reverenciam saberes como: respeito a diversidade, liberdade de expressão, expansão da consciência, busca pela paz e equidade.

As estruturas destas manifestações traduzem preocupações e buscas comuns pelo desprendimento de prescrições e coerções nas quais os aspectos emocionais, segundo Brinkmann (1990, *apud* Schimid, 2017), viabilizam o encontro de variadas maneiras de expressão.

Este prisma para a Dança nos conecta a uma escuta sensível, uma tentativa respeitosa de disponibilidade para o inesperado que sugere propostas não impositivas nas quais estéticas emergem sem negar a dimensão humana dos seres.

Sendo assim, a constelação de sentidos e percepções de pessoas autistas pode ser diferente, bem como suas percepções, o que fomenta a diversidade de processos educativos para todos os sujeitos envolvidos.

Como aponta Viana (2021) é fundamental distinguir o que pode auxiliar os profissionais a se aproximarem das pessoas autistas, se relacionarem com elas, sem tentar modificá-las, reconhecendo o que pode dificultar ou travar este encontro.

As distâncias que os profissionais de saúde sempre impuseram ao seu corpo marcaram sua vida, e essa ferida, de tão forte, ainda parece estar ali. Ele diz que a ferida fundamental da sua existência reside na falta de afeto do qual foi vítima, e conclui dizendo que, para ele, a distância cavada como um abismo entre os residentes e educadores foi e é uma forma de maltrato (Viana, 2021, p. 83).

Assim, a estratégia de silenciar antes dos encontros levou Viana (2021) a identificar seus próprios preconceitos e alienações frutos da sociedade contemporânea globalizada. Para então, se direcionar para a presença das pessoas autistas e seus movimentos repetitivos.

Neste contexto, a autora explorou suas sensações, iniciando por estimular-se a partir da repetição de gestos, o que gerou cumplicidade. Quando alguém nos mimetiza, nos reproduz, nos (re)afirma e os movimentos das pessoas autistas, antes nomeados como estereotipados, transitam para além do repúdio e do medo para ganhar o campo da admiração, simpatia e interesse.

A criação de um repertório comunicativo por meio da Dança perpassa pelo desenvolvimento de capacidades humanas específicas, que não são dadas em meio a certas pessoas que podem e outras que não aceitam o autismo dos autistas.

Um terceiro ponto, dissertado por Viana (2021), se relaciona à temporalidade, aspecto que nos põe em contato quase imediato com a grande urgência vivida, atualmente.

Nesta direção, traz a compreensão de que a convivência entre pessoas, seja autista ou não é um campo que estabelece um outro tempo. Em certos casos, pessoas autistas necessitam de mais tempo para realizar algumas atividades da vida, o que pode levar os(as) profissionais e familiares a desenvolverem compassividade.

A Dança é processual, já que os processos de percepção implicam as sensações, cognição, reflexão e criação integrados à corporeidade. Logo, potencializa o diálogo tanto interno, do sujeito com ele(a) mesmo(a) como com o espaço e as demais pessoas.

Destarte, Viana (2021) utiliza objetos para se comunicar como metáforas corporais que não somente estimulam a interação gestual, mas servem ao jogo lúdico como um convite para a criação de espaços de convivência sem hierarquia ou pretensões de superação de condições de vida.

Isto propicia a manifestação de um simbolismo, segundo Santos (2006), que é importante para o entendimento entre conteúdo e forma, que reforça o conhecimento e valores das comunidades humanas.

Representam uma cosmologia que é uma visão que parte de nosso “[...] *feeling* corporal”, um “[...] saber a partir do interior do nosso corpo” (Keleman, 2001, p. 26-27).

Esta característica presente na Dança se dá pela integração da racionalidade às sensações e à criação com seu corpo, que, ao dançar, conta sua própria história, reflete seus horizontes perceptivos no contato com similaridades e diferenças de histórias de outras(os).

Neste viés, também é elemento questionador das relações sociais que ocorrem por meio de distintas linguagens. A Dança se dá pelo corpo em movimento (motricidade¹²) que é o meio dialógico de se “[...] relacionar, sobrepor, ramificar, dialogar e fazer fluir as conexões entre os papéis das tramas da Dança e os papéis sociais” que “[...] já internalizam e desempenham em seus cotidianos, mantendo vivo o diálogo entre a arte, o ensino e a sociedade” (Marques, 2010, p.40).

Somente quando a sociedade desenvolve certas expectativas de comportamento em relação a seus membros é que a falta de capacidade de atender a essas expectativas se torna óbvia e problemática, implicando sistemas de definição e categorização que exercem impacto real na vida das pessoas (Piccolo, 2023, p. 8).

Nesta perspectiva, abrimos caminho para responder à questão de como percebemos a nós mesmas(os) e a vida, sendo mediados pela Dança e pela convivência com pessoas autistas. Este é um exercício de circularidade em que, em alguns momentos, nos faz propositivos e, em outros, receptivos.

Sendo assim, pensar a interface Dança e TEA vai além da aprendizagem de conteúdo ou do desenvolvimento de habilidades que integrem pessoas autistas ao campo social. Estamos argumentando pelo reconhecimento da expressão singular de cada ser humano, independentemente de suas condições.

Se cada pessoa deve contribuir com a formação da sociedade, as pessoas autistas em suas formas de ser desvelam, como aponta Viana (2021), a possibilidade de revermos a nós mesmos(as) e aprendermos novas formas de convivência.

Como aponta Freire (2015b) é parte de uma tarefa radical de não se deixar ser preso em círculos de segurança que aprisionem nossa capacidade de perceber a realidade. Neste sentido, é necessária disponibilidade para romper com padrões de normatividade atados ao poder e à coerção social.

Neste sentido, é preciso estar atento às diferenças transculturais atadas a comprometimentos que podem resultar em deficiência, dependendo dos critérios de cada comunidade. Isto inclui certos estigmas e relações de poder manifestadas pela própria experimentação de discriminação com base em limitações funcionais percebidas (Piccolo, 2023).

Estas conjecturas evidenciam a participação de pessoas em atividades e funções coletivas pela interpretação de suas expressões, o que estrutura os espaços e desempenhos sociais. Logo, é visível que toda a falta de legitimação do campo da arte-Dança como área do conhecimento é uma tentativa de manutenção de uma lógica produtivista. O que está na contramão da criação de ambientes sociais e educativos que propiciem a liberdade de expressão sem objetivos de superação ou capacitação.

Sobretudo, as condições complexas de vida humana e suas percepções devem contribuir para o desenvolvimento da criticidade. Este é o papel da arte-Dança na sociedade, independentemente de sua natureza popular, educativa, artística, religiosa, terapêutica.

Desta maneira, o que nos acontece quando coexistimos com pessoas TEA (neurodivergentes) é a inquietação que elas promovem em nosso campo perceptivo envolvido com a experiência radical de sentir, refletir e ampliar nossos horizontes existenciais.

¹²Motricidade Humana é: “[...] (ação intencional e solidária da transcendência) para a educação física, o desporto, o jogo desportivo, a dança, a ergonomia e a reabilitação, a Ciência da Motricidade Humana procura servir também os anseios de todos os marginalizados pela sociedade injusta. São três os principais conceitos da CMH: corpo, movimento e transcendência (Sérgio, 2022, p. 22-23).

É isto que promove um ambiente de construção de uma educação anticapacitista que vai na contramão de uma educação especial inclusiva, como possibilidade de alcançar o inédito viável (Freire, 2015b).

Para tanto, abrir-se para a cultura Def¹³, aquela advinda de pessoas com deficiência, é de certa maneira (re)conhecer formas de (re)existir.

Uma das maneiras é a convivência por meio da Dança, uma linguagem com potencial integrador da percepção dos sujeitos. Sobretudo pela possibilidade da liberdade de expressão, sendo assim, deve ser pesquisada com mais profundidade em seus atributos de humanização das pessoas.

CONCLUSÃO

Dentro da universalidade da Dança e do TEA, por meio de trabalhos que desenvolveram revisões bibliográficas realizadas entre 2019 e 2024 e junto ao relato de experiência de Viana (2021), a interface da Dança e do TEA aponta um caminho de aprofundamento epistemológico.

Com o crescimento dos cursos superiores de Dança em universidades federais, estaduais e privadas, consideramos que esta área do conhecimento pode contribuir de maneira interdisciplinar com o olhar para as pessoas autistas no seio da sociedade.

Neste ensaio, a ideia de propagar argumentos intrínsecos à potencialidade da Dança na vida de pessoas autistas se relaciona aos aprendizados e à percepção dos(as) profissionais, familiares e da sociedade que as acompanham.

Esta perspectiva demonstra que, para além do desenvolvimento de capacidades motoras, sensoriais e psicossociais da prática de Dança, esta manifestação amplia a percepção dos sujeitos em função de seus aspectos: lúdico, imaginativo, criativo e de convivência por uma linguagem que se dá pela corporeidade.

Assim, a diversidade de expressão fortalece a humanização como elemento conscientizador de processos inclusivos nos quais as pessoas envolvidas se beneficiam das diferentes maneiras de viver e perceber o mundo.

Sendo que, a partir dos estudos de Viana (2021) se abre uma epistemologia da Dança em interface com o TEA atada as características de um ser disponível à escuta, ao silêncio, a viver a temporalidade de outrem e perceber suas próprias limitações. Estes aspectos se dão pela convivência que forja uma experiência dialógica.

Consequentemente, observamos que, na formação profissional com base na racionalidade técnica derivada da filosofia positivista, práticas como a Dança acabam por reforçar o capacitismo, quando adeptas somente a estimulação sensorial, motora e de socialização.

O que pleiteamos, neste ensaio, é demonstrar a potencialidade da Dança, da arte em consonância com a humanização. Este termo, cunhado por Freire (2015b), compreende a educação como possibilidade de deflagrar novas compreensões acerca da realidade. Logo, a transposição de um modelo de adequação ou superação (inclusão) de condições existenciais para um processo que questione e rompa com as questões de funcionalidade social tão presentes no modo de produção da vida capitalista.

Neste sentido, a interface Dança e TEA deve ser como uma voz que, dentro do cotidiano, amplie a própria existência. Isto pode ocorrer em meio a uma linguagem que envolve o corpo em movimento, como experiência que nos atravessa e nos mobiliza.

Como possibilidade transformadora de vivenciar “[...] a Dança do ser de outra pessoa diante de mim para dar os meus passos da Dança do convívio entre nós. É a um corpo e é ao rosto de um[a] outro[a], a sua pessoa corporificada diante de mim, que eu dirijo o olhar de meu rosto e os gestos de meu corpo” (Brandão, 2005, p. 7).

Assim, ser parte das experiências com as pessoas autistas, partilhando, observando, conversando, trocando olhares ou não, mimetizando gestos, criando estéticas por meio de relações não hierárquicas, abrindo caminho para a interrogação e facilitando ações conscientes.

¹³A cultura Def é construída a partir da condição de vida das pessoas com deficiência e suas maneiras singulares de perceberem e existirem.

São nos momentos de trocas simbólicas pelo movimento corporal que a humanização se potencializa no viés artístico da arte-Dança. É quando se estabelecem relações que preservam as funções superiores como a autoconsciência, a linguagem, a liberdade e o desenvolvimento histórico, cultural, espiritual, estético e ético (Dussel, 2003).

Estas experiências singulares não devem ser desperdiçadas, sendo assim, para que possamos avançar nos argumentos propostos neste ensaio, novas pesquisas no campo da arte-Dança devem aprofundar-se em questões relacionadas ao potencial humanizador da Dança e no desenvolvimento das pessoas em contato com pessoas autistas.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, D. L. P.; MURAD, C. R. R. O. Autismo e inclusão escolar: em busca de diálogos interdisciplinares com a dança. **Revista Iniciação & Formação Docente**, Uberaba, v. 7, n. 3, p. 1-18, 2020. DOI: <https://doi.org/10.18554/ifd.v7i3.4975>.
- BARBIERI, S. **Interações**: onde está a arte na infância. São Paulo: Blucher, 2012.
- BARDET, M. **A filosofia da dança**: um encontro entre dança e filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- BRANDÃO, C. R. Jogar para competir ou jogar para compartilhar? Da competição contra o outro a cooperação com o outro. In: BRANDÃO, C. R. **Aprender o amor**: sobre um afeto que se aprende a viver. Campinas: Papirus, 2005. p. 85-116.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Documento subsidiário à política de inclusão**. Brasília, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília, 2018.
- CASTIANO, J. **Referenciais da filosofia africana**: em busca da intersubjetivação. Maputo: Ndjira, 2010.
- COSTAS, A. M. R. *et al.* Dança na educação básica: reflexões sobre os papéis dos licenciados em dança na construção de saberes artísticos no contexto escolar. **Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da Cena**, Campinas, v. 7, p. 125-180, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20396/conce.v7i0.8653846>.
- DUSSEL, E. D. Alguns princípios para uma ética ecológica material de libertação (relações entre a vida na terra e a humanidade). In: PIXLEY, J. (ed.). **Por um mundo diferente**: alternativas para o mercado global. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 23-35.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015a.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015b.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- KELEMAN, S. **Mito e corpo**: uma conversa com Joseph Campbell. São Paulo: Summus, 2001.
- MARQUES, I. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MARQUES, I. **Linguagem da dança**: arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010.
- MARTINS, K. B.; ROMARCO, E. K. S. O abrir das asas: a dança na estimulação da expressividade e comunicação em criança com autismo. **IAÇA: Artes da Cena**, Macapá, v. 5, n. 2, p. 79-95, 2022.
- MAZIERO, R. M. Z. **Dança Livre**: processos educativos emergentes. 2023. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- PÍCCOLO, G. M. Porque devemos abandonar a ideia de educação inclusiva. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 44, e260386, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/es.260386>.
- REIS, C. C. P. **A construção da dança para o ensino de crianças com Transtorno do Espectro autista**. 2024. 20 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Dança) – Universidade Federal do Sergipe, Aracaju, 2024.
- RODHEN, H. **O homem**. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- SANDER, J. Corporeidades contemporâneas: do corpo-imagem ao corpo-devir. **Fractal: Revista de Psicologia**, Nova Iguaçu, v. 21, n. 2, p. 387-408, 2009.
- SANTOS, I. F. **Corpo e ancestralidade**: uma proposta pluricultural da dança-arte-educação. 2. ed. São Paulo: Terceira Margem, 2006.
- SCHIMD, J. Contato improvisação como uma arte de viver. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 1, n. 28, p. 302-322, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5965/1414573101282017302>.
- SÉRGIO, M. Motricidade humana: o itinerário de um conceito. **Motricidades**, São Carlos, v. 6, n. 1, p. 15-25, 2022. DOI: <https://doi.org/10.29181/2594-6463-2022-v6-n1-p15-25>.
- SILVA, E. C.; ORLANDO, R. M. A interface dança e autismo: o que nos revela a produção científica. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 32, p. 61, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X33121>.

SILVA, T. O. C. Corpo e neurodiversidade: uma experiência em dança-educação. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*, 5., 2018. **Anais [...]**. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/46849>. Acesso em: 5 jan. 2025.

SIMAS, N. S. A. **A dança como uma prática educacional em crianças com o Transtorno do Espectro Autista – TEA**. 2022. 19 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais) – Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia, Universidade Federal do Amazonas, Parintins, 2022.

SINGER, J. Why can't you be normal for once in your life? From a 'problem with no name' to the emergence of a new category of difference. *In: CORKER, M.; FRENCH, S. (ed.). Disability discourse*. Buckingham: Open University Press, 1999. p. 59-67.

VIANA, A. F. **TEArte**: poéticas do encontro em dança e autismo. Curitiba: Appris, 2021.

WALSH, C. Introducción: lo pedagógico e lo decolonial: entretejiendo caminos. *In: WALSH, C. (ed.). Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, de (re)existir y (re)vivir*. Quito: Abyayala, 2017. Tomo I.

Contribuições dos autores

É um ensaio e não houve contribuição de outros(as) autores(as).

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editora Adjunta Executiva: Profa. Dra. Flavia Maria Uehara